

tação lógica, nas análises racionais e mesmo em argumentos baseados em palavras de ordem, no mais das vezes desgastadas. Tais elementos são imprescindíveis, mas não suficientes para se contrapor à ênfase dada ao plano afetivo pelos detentores da hegemonia, quando pretendem obter o consenso para suas proposições e, mais que isso, a participação ativa na viabilização das mesmas (p. 386).

A análise do projeto identificatório formulado pela CUT revela que os objetivos voltam-se para a formação integral do trabalhador e se distanciam do caráter utilitário e funcionalista dos projetos identificatórios anteriormente analisados (p. 386). Mas a CUT ainda não encontrou os recursos discursivos e simbólicos necessários à interpelação da realidade de uma forma nova, diferente da usual, desgastada nos permanentes embates políticos. Essa limitação restringe o alcance de seu projeto identificatório, que só se reveste de apelo psíquico para aqueles que já introjetaram, em maior ou menor grau, os valores básicos de seu ideário (p. 387).

A luta contra-hegemônica exige da CUT, além da superação das dificuldades acima mencionadas, a dupla tarefa de “desconstrução” das representações culturais hegemônicas e de construção de novas formas de dialogar com a classe trabalhadora, em particular, e com a sociedade como um todo (p. 387).

Outro aspecto essencial do projeto identificatório, como o Capital o define, consiste no papel fundamental do futuro anunciado. Trata-se, como vimos, de um futuro específico, que não pode estar marcado pela idéia de retorno a situações passadas. Aqui reside uma grande dificuldade a ser enfrentada pela CUT, uma vez que seu projeto identificatório fundamenta-se no anúncio de um futuro que o passado recente, em certa medida, desacreditou (p. 387).

Rummert conclui, numa posição claramente a favor dos trabalhadores e daquela que é, em sua opinião, a insti-

tuição verdadeiramente representativa do Trabalho, a CUT, que é necessário aprofundar o conhecimento das diferenças e heterogeneidades que marcam a classe trabalhadora atual, suas demandas, aspirações, suas distintas estratégias de luta e sobrevivência para a construção e viabilização de um novo projeto identificatório que possa conseguir se contrapor ao projeto identificatório do capital.

Como se pode notar, o trabalho de Sônia Rummert é denso e complexo, o que torna este esforço de síntese apenas uma sinalização de suas elaborações, remetendo-nos à insubstituível leitura do seu trabalho por completo, na tese original, ou parcialmente no livro *Educação e identidade dos trabalhadores: as concepções do capital e do trabalho* (2000).

Marcelo Lima

Doutorando em Educação da UFF

NOGUEIRA, Marialice, ROMANELLI, Geraldo, ZAGO, Nadir (org.). *Família & escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis: Vozes, 2000.

A circulação de novos títulos na área da educação tem sido intensa nos últimos anos. As reuniões da ANPED têm congregado os lançamentos, cada vez mais numerosos, exprimindo parte dessa produção que cresce significativamente. Um balanço da década de 1990 se faz necessário de modo a aferirmos se, de fato, esse crescimento exprime a socialização de conhecimentos novos e relevantes, a necessária elevação do padrão de qualidade da produção ou se trata, sobretudo, da formação de um mercado editorial lucrativo. Chama a atenção, no entanto, o lançamento de coletâneas que retratam a produção acadêmica recente, derivada dos Grupos de Trabalho da ANPED. Essa prática, aliada

ao papel que a *Revista Brasileira de Educação* vem assumindo nacionalmente, tem sido benéfica para a área, pois permite a circulação mais rápida do debate e da pesquisa em torno de eixos temáticos importantes.

O livro *Família & Escola* exprime essa nova tendência de forma particularmente bem sucedida. Organizado por pesquisadores que há vários anos estão voltados para o tema, Marialice Nogueira, Geraldo Romanelli e Nadir Zago, oferece um panorama importante sobre essa área de investigação no interior do GT Sociologia da Educação.

Alguns aspectos que orientaram a organização dos textos merecem ser destacados, pois constituem pontos fortes que recomendam a leitura dos vários capítulos.

Em primeiro lugar, situa-se o próprio tema objeto de análise: as intrincadas relações entre duas fortes instituições socializadoras – a família e a escola. Há muito tempo se verifica a ausência de estudos sistemáticos sobre os grupos familiares em sua interação com a escola, embora a família sempre estivesse de certa forma presente no discurso educacional. Carregado de estereótipos ou aprisionado pelo senso comum, o pensamento educacional recente atribuiu valores, carências ou virtualidades bastante distantes dos arranjos e práticas reais dos grupos familiares.

Em um período marcado pela extensão da escolarização aos setores mais amplos da população, os mecanismos da reprodução social, como afirma François Singly na esteira do pensamento de Pierre Bourdieu, decorrem, fortemente, da posse do capital escolar, caracterizando o *mode de production à composante scolaire*. Nesse caso, a família moderna, menos centrada no patrimônio econômico, volta-se para a aquisição ou manutenção do capital escolar, o modo dominante da reprodução social.

Em segundo lugar, emerge outra virtualidade do trabalho. Além de trazer

de forma rica a pesquisa sobre a importância do grupo familiar, a coletânea trabalha com segmentos sociais diversos, ampliando o campo de estudos da área. Tanto as famílias de classes populares como as que ancoram sua origem nos denominados setores médios são objeto de estudos minuciosos, que propõem um amplo quadro de referências passível de estabelecer compreensão mais densa das trajetórias escolares de seus membros: crianças e jovens.

Outra característica importante que marca os textos escritos é a adoção de referenciais teóricos claros, sobretudo aquelas derivados das reflexões de Pierre Bourdieu. No entanto, evitando leituras funcionalistas do autor, os artigos examinam as estratégias mobilizadas pelos grupos familiares para alcançar o sucesso em trajetórias que, em

primeiro momento, poderiam ser condenadas ao fracasso. Assim, o tema das razões “do sucesso improvável”, expressão cunhada por Bernard Lahire, estimulou vários dos estudos relatados no livro.

Finalmente, há que se destacar a preocupação dos organizadores com os aspectos metodológicos da pesquisa sobre os grupos familiares, tema abordado por Zaia Brandão no artigo que encerra a coletânea. Situando alguns dos dilemas da pesquisa, sobretudo as falsas antinomias que se estabelecem na área da educação entre o quantitativo e o qualitativo, o micro e o macrossocial, a autora percorre o tema mostrando a complexidade de cada uma dessas questões. Propondo a importância dos procedimentos de cunho quantitativo, a autora mostra, também, os difíceis desafios

presentes nas abordagens qualitativas, às vezes apressadamente adotadas pelos jovens pesquisadores, sob o pretexto de certa facilidade no trabalho de campo e no tratamento analítico dos dados.

Os caminhos promissores para novas investigações estão abertos, pois o tema da crise da eficácia e da mutação das instituições socializadoras, os processos de “desinstitucionalização”, examinados por François Singly e François Dubet, entre outros, constituem um leque amplo de indagações que poderão oferecer caminhos importantes para o desenvolvimento do campo. *Família & Escola* traduz um momento fecundo dessa trajetória.

*Marília Pontes Sposito*  
Faculdade de Educação da USP